

Continuarei em busca do meu lugar. Mulheres, migrações e música¹

Paula Guerra,
Universidade do Porto,
Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia,
Porto, Portugal²

Resumo

Este artigo trata da história de vida de uma música – a brasileira Flávia Couri – e, em particular, a sua experiência de emigração e como relaciona a música, a globalização do *punk* e as cenas musicais locais e translocais. Reconhecemos a importância destas dinâmicas analisando uma entrevista com esta mulher música, concentrando-nos no seu discurso acerca do seu próprio trajeto e as circunstâncias da sua emigração. A discussão acerca da emigração desta mulher contempla os seguintes pontos-chave: as causas e razões da emigração; a vida num novo local; desafios, sucessos e reconstrução identitária do emigrante; e um possível retorno à ‘tribo’ do país de origem. A análise do discurso usada atenta ao contexto desse mesmo discurso, ou seja, as suas condições de produção e receção. Através desta análise fomos capazes de seguir, explicar e compreender a trajetória de emigração desta mulher e como esse trajeto foi sempre acompanhado por uma banda sonora da qual ela foi compositora e ouvinte, tentando mostrar as possibilidades que a música oferece na construção e reconstrução identitária, bem como a sua capacidade de providenciar razões e contextos para uma migração.

1 Este artigo faz parte do desenvolvimento dos seguintes projetos de pesquisa: “Youth and the arts of citizenship: creative practices, participatory culture and activism”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC /SOC -SOC/28655/2017) e “CANVAS - Towards Safer and Attractive Cities: Crime and Violence Prevention through Smart Planning and Artistic Resistance” (referência Ref. POCI-01-0145-FEDER-030748). Gostaria de agradecer a Flávia Couri por toda a sua generosidade, empatia e esplendor no partilhar da sua história de vida.

2 Doutoranda em Sociologia. Professora na Faculdade de Letras e Investigadora no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Professora Adjunta no Centro para Estudos Sociais e Culturais de Griffith, na Austrália. Investigadora Associada no Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, Portugal. E-mail: pguerra@letras.up.pt. ORCID: 0000-0003-2377-8045.



Palavras-chave: migração, mulheres, música rock, identidade, sons transglobais.

1. Introdução

Passaram quase quatro décadas desde o surgimento inicial do movimento punk e, desde então, este mudou profundamente a vida social e cultural a vários níveis. Um aspecto-chave desta transformação relaciona-se com a maneira como o punk foi globalizado e apropriado de maneiras diferentes pela juventude urbana por todo o mundo. Esta dinâmica encaixa-se num novo quadro de identidades e laços musicais, num espaço e tempo translocais marcados por redes de contactos e mobilidade. Neste artigo, analisamos a história de vida de uma música, e, em particular, uma experiência de emigração, e como se relaciona com a música, com a globalização do punk e com cenas musicais locais e translocais. Discutimos a importância de todas estas dinâmicas na emigração de uma música nascida no Brasil, Flávia Couri¹, recorrendo a uma entrevista para analisar o seu discurso acerca do seu trajeto e circunstâncias à volta da sua emigração. Esta discussão acerca de emigração está estruturada da seguinte forma: as causas e as razões por trás da emigração; a vida num novo local; os desafios, sucessos e reconstrução identitária do emigrante; e um possível retorno à 'tribo' do país de origem. Através desta análise discursiva, conseguimos seguir, explicar e compreender o trajeto migratório desta mulher e como esse trajeto foi acompanhado por uma banda sonora da qual Flávia foi sempre compositora e ouvinte. Aproveitamos e adaptamos a distinção entre o que o *Dictionary of Discourse Analysis* [*Dicionário de Análise Discursiva*], baseado em Jean-Michel Adam,

¹ Flávia Couri é uma artista musical brasileira, conhecida por ser a ex-baixista da banda rock Autoramas. Localiza-se no espectro musical de garage rock e punk rock e é natural do Rio de Janeiro, Brasil. Participou em grupos musicais como *China*, *Sugarstar*, *ELEPê* e *Voz Del Fuego & Lingerie Underground*, tendo sido convidada a integrar os *Autoramas* em 2008. Baixista, guitarrista, cantora e compositora, integra atualmente o trio *As Doidivinas*, no qual canta e toca guitarra e a banda *The Courettes* com o seu marido dinamarquês Martin Couri (https://www.instagram.com/flavia_couri/).

caracteriza como “duas faces complementares de um único objeto comum vistas como texto quando tomadas pela linguística textual – que privilegia a organização do co-texto e coesão enquanto coerência linguística (...) – e pela análise discursiva – mais atenta ao contexto da interação verbal (...)”; o discurso sendo, então, “concebido como a inclusão de um texto no seu contexto (condições de produção e recepção)” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004: 466-467; 169). Neste caso, este artigo concentra-se nesta segunda linha de análise².

2. Sons transglobais, identidades e migrações

Ao contrário da ideia tradicional de identidades culturais - que se refere a um eu sólido e fixo, relacionado umbilicalmente a um território e a uma história coletiva - hoje em dia temos de ter em conta a crescente volatilidade destas identidades. Esta natureza cada vez mais volátil tem origem num fluxo de desenraizamento social, inovação tecnológica constante, na mobilidade física de bens e ideias - tudo isto profundamente enraizado na modernidade tardia. Esta volatilidade destaca-se frequentemente na plasticidade dos seres humanos e na natureza temporária dos papéis e relações sociais (HALL; JEFFERSON, 1993; FEATHERSTONE, 1995). A perspectiva de Crane (2002) acerca disto é, claramente, da maior importância. A cultura musical global, disseminada através de grandes conglomerados multimédia, está maioritariamente centrada em países anglófonos, com os catálogos das grandes editoras cada vez mais focados num número reduzido de estrelas internacionais. Assim, estamos perante um modelo renovado de ‘imperialismo dos média’ baseado no capitalismo global. Simultaneamente, temos, por consequência, a globalização e localização numa rede complexa de fluxos de contacto, evidenciando uma homogeneidade cultural progressiva enquanto asseguram que a identidade e valores específicos sejam cada vez mais cruciais para compreender a música popular (HUQ,

2 O corpus deste artigo baseia-se numa entrevista biográfica aprofundada a Flávia Couri conduzida em Junho de 2017. Flávia deu o seu consentimento informado à abordagem sociológica a esta entrevista.

2006). Tudo isto tem lugar num mundo progressivamente mais interligado, no qual pessoas, música e ideias circulam a uma escala e velocidade nunca antes vistas (CASTELLS, 1996), afastando-se assim da dicotomia do “mainstream monolítico vs subculturas resistentes” (MUGGLETON; WEINZIERL, 2003; STAHL, 1999).

Debrucemo-nos agora sobre o caso da música punk. A partir de Londres a Nova Iorque, o punk espalhou-se para outras cidades, países e regiões. Construiu-se gradualmente como cultura popular geopolítica e incorporou numerosas variações e estilos musicais especializados. Este duplo movimento de globalização e localização dá ênfase à natureza do punk enquanto uma construção de peças de cultura popular cosmopolita transglobal numa mistura caótica e paradoxal. Combina estética, música, imagens, textos e paisagens e articula tanto especificidade como hibridismo (GUERRA, 2013). Como Guerra e Bennett (2015) referiram, o punk tornou-se uma *mediascape* global – ou seja, um ajuntamento de características que mescla práticas e configura um certo tipo de capital cultural e um habitus que é dominante no campo da música popular (DINES et al., 2019). A influência global da estética e sons do rock na produção de projetos musicais à escala local é uma suprema demonstração da lógica de produção cultural característica da globalização (REGEV, 2013). Em diferentes países, o rock apareceu como uma reprodução de estilos que lhe haviam sido introduzidos ou como a criação de estilos híbridos nos quais músicos combinavam memórias locais e elementos globais. A construção destes estilos de rock locais é então parte de uma estratégia característica de processos de construção de identidade social em dois espaços da prática cultural: o campo da música popular e o campo da identidade nacional e local (GUERRA; QUINTELA, 2016).

3. O lugar de Flávia na música

Entrar em contato com a música rock (e, em particular, com a música punk) numa idade precoce leva frequentemente a que esta desempenhe um papel crucial no desenvolvimento da personalidade e no estabelecer de uma identidade artística e de contracultura. Flávia Couri é uma mulher de 39 anos e música de rock oriunda do Brasil. Tem uma verdadeira paixão por música e uma aguda consciência da importância que a música teve na construção da sua identidade. Foi a música que abriu as portas de toda a bagagem cultural, com a qual veio a contracultura. Como disse:

Eu choro a ouvir música, realmente a música toca-me muito desde os meus sete ou oito anos de idade. Para mim, como sempre me senti meio diferente do normal e dos meus colegas da escola, por exemplo, a música foi totalmente onde eu consegui criar toda a minha personalidade e entender de onde é que vinha este meu descontentamento e este meu sentir-me diferente. Foi através da música que eu me descobri como artista e da contracultura.

Eu não faço a mínima ideia de quem eu seria hoje se eu não fosse musicista, se eu não tivesse descoberto o rock, tudo o que veio de contestação a partir daí e todo o meu modo de vida (...) A música norteou toda a minha bagagem cultural e todo o meu estilo de vida. Além disso, a música também me abriu os olhos para não acreditar em tudo o que vejo na TV e nos jornais, então, realmente o impacto da música na minha vida aconteceu a 100%. A música mudou a minha vida por completo e foi ela que me achou.

Flávia começou a ouvir música aos nove ou dez anos, numa altura em que músicas do *Guns N' Roses* tocavam em todo o lado, uma banda que agora descreve como sendo "uma das bandas mais antipunks do rock



n' roll", mas que, enquanto jovem, considerava ter uma atitude bastante punk. Depois veio o grunge, ao qual reconhece uma atitude bastante 'faz por ti próprio', bem como o punk, que exerceu uma forte influência sobre ela. Quando tinha doze anos, viciou-se em *Ramones* e viu-os ao vivo, algo que assinala como um momento importante no experimentar de novas vivências, na diferenciação face aos seus pares e no encontrar da sua própria gente.

Quando eu fui a um show dos Ramones, tinha eu treze anos, no Rio de Janeiro, o show estava lotado e tinha até gente pendurada no teto, que era uma lona do circo. Com aquela imagem dos Ramones, com as pessoas penduradas no teto e com toda a gente a curtir as músicas que eu também curti, foi aí que eu descobri que eu não estava sozinha, que era só na minha escola que não tinha pessoal punk. (...) A partir daquele dia eu falei que era isto que eu queria fazer e vinte e três anos depois estou aqui a fazê-lo (risos). Essa também foi a primeira vez que eu fumei maconha, por exemplo, então foi uma situação de experiências da adolescência e foi um evento libertário, onde eu conheci várias pessoas. A partir desse momento comecei a relacionar-me com pessoas de fora da minha escola e a fazer o meu próprio grupo, o meu próprio nicho, só com pessoas do rock e do punk-rock.

Quando eu era mais jovem ia muito mais [a eventos musicais], até porque essa era uma forma de eu conhecer gente igual a mim. Na fase antes da internet nós conhecíamos gente na rua, logo, tínhamos de sair de casa. (...) Quando eu era adolescente eu saía o tempo todo: terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira.

Este processo de descobrimento de novas bandas, de sair e encontrar pessoas com quem se identificava mais, foi definitivamente um processo de construção identitária alicerçado na música (GUERRA, 2020a). Para além disso, estes hábitos permitiram-lhe estabelecer a fundação sobre a qual mais tarde construiria o seu lugar na vida como música naquela cena.

Eu acho que foram estas minhas andanças que me fizeram conseguir entrar na cena brasileira de música, porque se eu só ficasse em casa presa, então eu não ia estar a circular e nesta profissão é importante sair, conhecer os espaços e as pessoas, estabelecer contatos.



Figura 1 - Sons LOUD fuzz nos estúdios StarrSound, 2018. Fonte: Flávia Couri.

Hoje em dia, Flávia tem uma carreira musical estabelecida, tendo, desde tenra idade, começado a tocar instrumentos, formando bandas com amigos e, com o decurso do tempo, alcançado um sucesso moderado e, mais tarde, tocado para bandas estabelecidas e músicos famosos.

Eu comecei a tocar guitarra acústica com onze anos e aos doze anos passei para o baixo. (...) Eu comecei a fazer bandas com as minhas amigas, sendo que a minha primeira banda foi um trio feminino. Quando eu tinha dezassete anos eu fiz a minha primeira banda profissional.

Eu era a única garota e nós começamos a tocar no circuito universitário do Rio de Janeiro, em alguns bares e a banda conseguiu um certo nome e durou cinco anos. Depois dessa banda eu fui convidada para ser *side woman*, para tocar baixo, com um compositor brasileiro chamado China. As pessoas começaram a conhecer-me no mercado brasileiro da música através desse trabalho, tinha eu tinha uns vinte e três anos. Depois eu criei uma banda minha, um trio feminino, no qual eu tocava guitarra. Essa banda fez bastante sucesso na nossa cidade e até chegamos a tocar fora do Rio de Janeiro e fomos para São Paulo também. Através dessa banda, o Gabriel dos *Autoramas*³ viu-me a tocar e convidou-me para tocar nos *Autoramas*, que era uma banda que estava num nível maior do que o da minha própria banda. Eu fiquei durante sete anos nos *Autoramas* e conheci a Europa e a América do Sul através das tournées. Naquele período de *side woman* também toquei com outros músicos: toquei com o Big Gilson⁴, que era um *bluesman* brasileiro, toquei com a Baby do Brasil⁵, da banda *Novos Baianos*⁶, uma cantora muito famosa dos anos 1960 e 1970.

Atualmente, ela tem uma banda chamada *The Courettes*⁷, que formou com o marido. O nome da banda é inspirado em bandas dos anos 60. Da mistura de gêneros musicais que escutou, sente que o rock dos anos 60 sempre foi a sua onda.

Então, basicamente, as minhas influências são basicamente o garage rock dos anos 1960, dos MC5, The Sonics, o protopunk, com The Stooges, e uma pitadinha de soul, modern soul, surf music e rockabilly. Eu gosto

3 Os *Autoramas* são uma banda brasileira de surf/garage rock/garage punk/rockabilly que se formou na segunda metade dos anos 90 e continua a atuar até hoje (<https://reverb.com.br/artigo/na-br-3-sempre-foi-dificil-para-bandas-como-o-autoramas-mesmo-quando-o-rock-era-moda>).

4 Big Gilson, guitarrista brasileiro considerado veterano da cena carioca de blues (<http://biggilson.com/>).

5 *Baby do Brasil*, também conhecida como *Baby Consuelo* é uma artista, cantora, guitarrista e compositora brasileira que fez parte dos *Novos Baianos* no início da carreira (<http://www.babydobrasil.com.br/babydobrasil/>).

6 *Novos Baianos* é um grupo musical de rock e música popular brasileira de Salvador, Bahia, Brazil, formado em 1969, que obteve sucesso durante os anos 70, e se voltou a juntar em 2017 (<https://www.facebook.com/NovosBaianos/>).

7 *The Courettes* são um duo marido e mulher de garage rock dos anos 60, criado por Flávia Couri e Martin Couri, descrito pelos próprios como "uma explosão de garage do Brasil e da Dinamarca" (<https://www.thecourettes.com/>).

de todos os movimentos do rock. Eu adoro a história do rock como um todo, o que eu mais gosto são dos anos 1960, mas gosto do movimento punk dos anos 1970, gosto do pós-punk, gosto de grunge e punk, mas nunca curti heavy metal, por exemplo. Eu acho que The Beatles, The Rolling Stones, The Kinks, The Sonics, MC5, The Stooges, The Ronettes, Ramones, talvez serão as minhas principais influências.

Desde esse precoce amor por *Ramones* veio um interesse por outras bandas punk como *The Clash*, *Sex Pistols*, *Buzzcocks*. Mas punk é mais que o som dessas bandas, ou de quaisquer outras bandas. O punk é um movimento com uma ética 'do-it-yourself' [faz por ti próprio] que Flávia descreve como definidor do seu estilo enquanto artista musical e do seu estilo de vida em geral, mais que os sons do punk.

É um estilo de vida, que vai muito além do estilo musical. Por exemplo, a música que eu faço hoje em dia tem alguma influência do punk, mas a influência dos anos 1960 é muito mais forte, mas nós fazemos tudo por nós mesmos. Nós temos um selo alemão que lança os nossos discos, mas eu marco os shows, nós temos algumas ajudas e tal, mas quem planeja a carreira, quem faz tudo, quem é a manager road, quem escreve as músicas, etc., tudo isso é feito por mim e pelo meu marido. Então, a atitude do punk, de fazer acontecer, do do it yourself, eu tenho totalmente essa atitude presente na minha vida, mesmo que a música que eu faça agora seja mais orientada por um período anterior ao punk.

(...) no caso da minha banda isto acontece porque é uma coisa que financeiramente leva a que possamos viver da banda. O maior do it yourself é conseguir viver fora do que o sistema capitalista espera que você tenha, com um emprego careta, das oito da manhã às dezassete horas, eu não tenho isso. Então, a maior atitude punk que se pode ter é viver dentro e fora do sistema, porque também não dá para estar completamente fora, se

estiver fora é mendigo. Eu sinto-me assim, meio dentro e meio fora do sistema e tenho essa liberdade com a minha banda.

A paixão de Flávia por música ditou muitas das suas escolhas, mesmo para além da sua profissão: das pessoas com quem travou amizade - tinham que ter um interesse em música - e com quem namorava - outras pessoas envolvidas na cena musical - ao seu trajeto académico. Flávia começou um curso universitário em Filosofia, no Brasil, que não concluiu, pois a sua carreira musical tomou prioridade (GUERRA, 2020b): “No último ano da faculdade eu saí em tournée com uma banda e nunca mais voltei, então não terminei o curso.” No entanto, não desistiu de uma educação universitária, concluindo um Bacharelado em Música anos mais tarde. Depois, concluiu também um Mestrado em Música.

DeNora (2000) desenvolveu investigações paradigmáticas a este respeito, tendo demonstrado a importância da música no estruturar da vida e emoções do dia-a-dia, observando como os atores sociais se descrevem a si próprios - tanto as suas personalidades como as suas maneiras de ser - através das suas “vozes” musicais, servindo como referência para a sua vida social. Para Flávia, isto é particularmente relevante. Assim, a música é a consciência das suas opções de vida em termos de trabalho, estudos, amizades, relações e lazer. Aos 34 anos, Flávia emigrou para Copenhaga, na Dinamarca, onde até hoje reside com o marido e o filho. A sua motivação para deixar o país onde nasceu é discutida em seguida, bem como as suas experiências de migração, em relação à música.

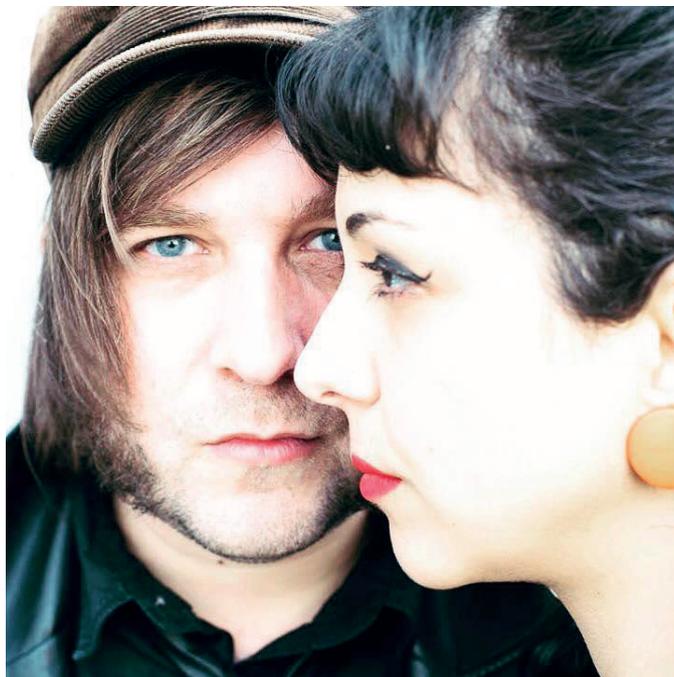


Figura 2 - The Courettes, o duo rock marido e mulher de Flávia Couri e Martin Couri, Áustria 2018. Fonte: Flávia Couri.

4. Flávia do Rio para o mundo

Artistas musicais de todo o mundo há muito que têm deixado os seus países de forma a alargar os seus horizontes pessoais, musicais e simbólicos. Por vezes, os países de origem não vão de encontro às necessidades dos jovens músicos, sedentos de novidade e atividade, aparentemente por serem considerados demasiado pequenos e/ou de alguma forma limitados. Para muitos, mudarem-se para o estrangeiro também permite a realização do desejo de descobrir novos mundos e novas culturas, o desejo de explorar outros contextos e saber o que se passa em outros locais. Flávia Couri já tinha uma carreira musical bem estabelecida no Brasil antes de emigrar para a Dinamarca, e, na realidade, considera que a cena musical do seu país adotivo é limitada quando comparada ao Brasil. Flávia descreve ter ido a um número extenso de concertos e discotecas

desde cedo, a facilidade que tinha em aceder a álbuns, e uma vivaz cena musical independente. De fato, o Brasil tem uma vasta gama de procura e oferta para todos os estilos musicais.

Olha, há bandas excelentes no Brasil e geralmente elas não estão no mainstream. Existem vários festivais de médio porte pelo Brasil inteiro. Nos anos 1980 era em São Paulo e no Rio que acontecia toda a vida cultural do país, mas nos anos 2000 começou a haver festivais de rock no país inteiro. (...) Então, a cena independente do Brasil está muito organizada e muito amadurecida. Realmente você pode viver paralelamente ao mainstream de forma profissional.

A Dinamarca é um país pequeno. Por exemplo, eu acho que a cena do Brasil é muito mais rica porque o Brasil é gigante, o Brasil é maior do que a Europa.

Flávia nasceu no Rio de Janeiro, onde viveu até aos 34 anos. No entanto, tal não significa que nunca tenha deixado a sua cidade-natal. De fato, Flávia é uma pessoa muito viajada graças à sua carreira musical, tendo explorado a Europa e a América do Sul durante as digressões. Antes de se mudar para a Dinamarca, “nunca tinha ido viver para outro país, mas já fazia viagens constantes a outros países”; aliás, era difícil encontrá-la no Rio de Janeiro. Assim, mesmo se o seu grande e multicultural país de origem não fosse o suficiente para satisfazer a fome de descoberta e aventura, teria algumas dessas, senão todas essas necessidades satisfeitas através das suas extensivas viagens.

Então, com Autoramas, eu tive a oportunidade de começar a viajar. Eu fiz dez tournées na Europa com eles. Viajar é uma das minhas paixões, então, calha bem com música. Eu conheço músicos que odeiam andar de avião, mas eu amo viajar, é uma das minhas paixões, porque eu amo conhecer gente diferente.

A escola pela emigração pode acabar por ter impacto na percepção geral no que toca aos artistas, pois estes são, por vezes, mais valorizados no seu país de origem após emigrarem. Este pode ser outro factor que pode influenciar artistas emigrarem e, mais tarde, voltarem (GUERRA et al., 2020). Flávia não considerou esta hipótese, nem o viver nem o voltar.

Para mim esta coisa da emigração é uma coisa nova na minha vida e foi uma coisa que eu não planejei, realmente aconteceu. (...) Sinceramente, eu não sei se há mais respeito por ter emigrado porque eu ainda não voltei para o Brasil e nem tenho nos meus planos voltar para o Brasil para morar lá. No ano passado nós fomos lá e fizemos dois shows, que foram bem bacanas, mas eu ainda não sei qual é o resultado da emigração. Eu sei que fazer tournées e shows fora do nosso próprio país, com certeza, valoriza-nos como artistas no nosso país local, mas quanto à emigração ainda não consegui ter esse feedback.

Então, à primeira vista não parece existir uma ligação direta entre a migração de Flávia e a música. De fato, para Flávia, a motivação para sair do país adveio de um relacionamento com um homem de outro país; é agora casada com ele e tem um filho, e todos vivem no seu país de origem, a Dinamarca.

Então, durante os Autoramas eu conheci o meu marido, que era baterista de uma banda da Dinamarca que estava a fazer uma tournée no Brasil junto com os Autoramas. Éramos nós que estávamos a organizar a tournée dessa banda no Brasil. Então, eu me apaixonei e ficamos a namorar à distância durante dois anos, sendo que a única coisa que me prendia ao Brasil era a minha banda. Ele tem uma filha aqui na Dinamarca, então ele não podia mudar para o Brasil. Depois de dois anos eu decidi mudar-me e vim morar para a Dinamarca. (...) Foi mais ou menos isto que aconteceu.

Frequentemente, entre as razões para a emigração, encontramos condições econômicas tais como a busca por um melhor emprego e salário. O desemprego e os despedimentos estão muitas vezes na origem de uma



mudança de país em busca de novas oportunidades noutros contextos geográficos (FEIXA; GUERRA, 2017). Além disso, tomar a opção de emigrar pode parecer uma lufada de ar fresco, levantando um conjunto de novas possibilidades numa altura em que as pessoas vivem momentos de grande frustração nos seus países. Flávia tinha experienciado um conflito com outro membro da sua última banda brasileira, *Autoramas*, que culminou com a sua saída da banda. Este momento de frustração e o subsequente cortar de relações com o projeto tornaram a sua decisão de emigrar bastante mais fácil, convertendo-se no catalisador da mudança.

Foi um momento e uma decisão muito difícil e na altura chateei-me com o Gabriel dos Autoramas. (...) Eu só consegui tomar esta decisão porque ele estava a ser tão sem graça comigo de um modo geral que foi mais fácil tomar esta decisão. (...) Eu vim para cá com essa saída da banda conflituosa, achando que nunca mais ia conseguir ter o sucesso que eu tive com os Autoramas.

Após este incidente, Flávia receou nunca mais voltar a tocar, mas, antes de se mudarem para a Dinamarca, ela e o marido já tinham criado a sua nova banda *The Courettes* e gravado o seu primeiro álbum. Alguns artistas emigrantes já têm bandas ou estão no processo de as formar, daí que a escolha de se mudarem para o estrangeiro seja também vista como uma nova oportunidade a nível pessoal e, ao mesmo tempo, um compromisso com a carreira musical noutros contextos que podem oferecer mais vantagens. A decisão de Flávia de se mudar foi, antes de mais, um compromisso para com o seu marido, mas acabou também por ser um compromisso com a banda que haviam formado juntos.

Para muitos emigrantes, encontrar emprego de imediato nos seus países adotivos, mesmo um emprego menos apelativo ou outro tipo de solução financeira, pode ser uma opção melhor do que ficar no país natal sem fazer nada. Para Flávia, o receio era o de ficar sem fazer nada no país de destino, como afirmou: “Eu não queria parar de tocar, não queria ficar em casa, só sendo esposa e sem fazer nada, sem conhecer ninguém.” Não estava



à espera que a nova banda levasse a uma ocupação de tempo inteiro, logo encontrou outra solução que lhe ocupasse os dias e desse algum rendimento:

Aliás, eu nem sequer planejava que a minha banda daqui me desse uma carreira, por isso é que eu fui fazer o mestrado, porque aqui, ao estudar, ganha-se um dinheiro, não é muito, mas é alguma coisa. Então, eu pensei, (...) pelo menos eu iria estar a fazer alguma coisa nestes dois anos iniciais. Eu comecei a estudar música aqui para ter uma atividade porque eu não sabia que eu iria estar a fazer shows.

Se as pessoas têm sucesso e/ou são bem pagas nos países adotivos, tal torna-se mais uma razão para não voltar. *The Courettes* são uma banda de sucesso e, pelo menos, o casal vive confortavelmente só com os rendimentos da banda.

A banda está indo super bem e nós já tocamos em mais de quinze países espalhados pela Europa e tocamos também no Brasil. Lançamos dois discos, um ao vivo e outro de estúdio e este ano iremos lançar o segundo disco de estúdio, assim como alguns singles e um clip.

Em dois anos nós já temos o nosso nome na cena, estamos a viver disso e estamos a fazer shows. Não somos milionários, infelizmente (risos), mas está a dar para pagar as contas e para viver. Para mim tudo isto foi uma surpresa porque eu não esperava absolutamente nada, eu nem sabia se a minha carreira musical iria continuar.

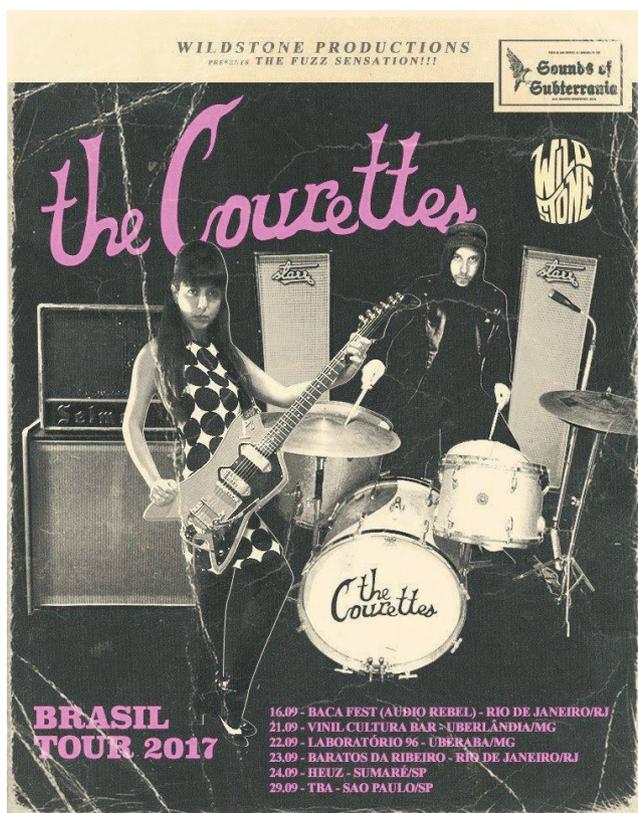


Figura 3 - The Courettes no BRASIL, 2017. Fonte: Flávia Couri.

Assim, pelo menos enquanto catalisador para a emigração, e como razão para não voltar, a relação de Flávia com a música teve uma grande influência na sua jornada migratória. No entanto, olhando além para a relação entre migração e música, a sua ligação ao punk permitiu-lhe criar todo um conhecimento de fundo e um saber fazer que a pode ter auxiliado a deixar o seu país. Com o punk veio um sentido de urgência, um desejo de encontrar satisfação e uma atitude aventureira que encoraja os participantes a tomar decisões, a ir em busca - e, acima de tudo, a criar - novas oportunidades para si próprios (McKAY, 1998). Mais especificamente, o espírito de iniciativa, a atitude proativa, a busca da liberdade e espaço para expressão e sucesso pessoal promovido pelo punk pode eventualmente ter contribuído de forma decisiva para a opção de deixar o país, bem como uma razão para não voltar.

Mais do que influenciar a maneira como faz música, a contracultura e a ética 'faz por ti próprio' do punk tem permeado todo o estilo de vida de Flávia, e pode ser identificado como um tema ou mesmo uma atitude face à própria vida.

Eu moro numa casa em que a gente tem uma horta e planta umas comidas. Eu vim morar numa cidade menor porque queria ter menos gastos. Eu penso que, quanto menos gastos eu tiver, menos eu tenho de me vender para o sistema, então eu posso viver da música. Além disso, onde eu vivo, eu tenho espaço para brincar com o meu filho lá fora, o que permite que ele tenha uma vida próxima da natureza. Eu não quero que o meu filho fique meio zombie agarrado ao iPad com cinco anos de idade.

5. A comunhão global do rock

A cultura punk apela a uma comunidade global. Ser global - ou seja, referir-se constantemente à estrutura e ao eixo central do movimento internacional - implica que, localmente, as pessoas "sonhem" com o mesmo "global". O trabalho de Regev (2013) é particularmente relevante aqui, pois propõe uma abordagem ao pop rock providenciando a possibilidade de proximidade cultural num contexto global, já que os elementos expressivos das diferentes culturas usam a sua singularidade de formas muito semelhantes. Como diz Flávia, existe uma linguagem universal construída em torno da música:

Volta e meia, eu ouvia "ah, você foi não sei para onde, deve ser tão diferente", mas não, é exatamente igual. O que mais me chama à atenção quando eu viajo é o modo como as pessoas se parecem, não faz a mínima diferença se são portugueses, brasileiros, americanos, alemães ou sei lá o quê. É tudo gente e as pessoas querem as mesmas coisas. Eu acho que o rock e o punk são a grande linguagem universal, são a grande linguagem da globalização.

O meu marido é dinamarquês e nós conhecemo-nos no Brasil e quando nós começamos a trocar ideias sobre música nós tínhamos basicamente a mesma coleção de discos. (...)se você tem uma banda de rock, vai para os Estados Unidos, para o México, para o Japão, para a Indonésia, e toda a gente conhece The Beatles e sabe tocar, toda a gente vai cantar e vai sorrir.

Hoje em dia as pessoas têm muitas ferramentas à disposição que facilitam o viver num mundo global e, particularmente enquanto músico, são simplesmente inescapáveis.

Ser músico nesta época da globalização é mais fácil do que há trinta anos atrás, nomeadamente para fazer as tournées. Eu fico a pensar como é que as bandas faziam as tournées sem GPS (risos). Tinham de ter mapa, não é? E antes do Euro? As bandas faziam uma tournée em quinze países da Europa e tinham de comprar Marco, Franco, etc.

Não sei se [a internet] é o meio mais eficaz [de promoção], mas é o meio que temos hoje em dia e, se você não está na internet, hoje em dia você não é ninguém. (...) A internet ajuda muito na divulgação, não podemos subestimar o poder o Facebook, Youtube, Instagram, etc. Realmente através dessas plataformas conseguimos atingir um número muito grande de pessoas e de públicos.

Assim, a globalização é também um fator a favor da emigração, por facilitar as deslocações e as comunicações e relações com pessoas de todo o mundo. Flávia resume:

Tudo isso levou a que hoje eu pudesse estar casada com um dinamarquês, que tem a mesma coleção de discos que eu, e levou a que eu esteja a morar na Dinamarca, com uma banda metade dinamarquesa, metade brasileira, fazendo tournées na Europa e a conseguir viver disso.

A minha vida é internacional e eu sinto-me muito como uma cidadã do mundo, eu sinto-me em casa em qualquer lugar, esteja na Dinamarca, na Suécia, na Alemanha, na França, em Portugal, etc. Eu nunca parei para pensar que isso era a globalização, estou-me a aperceber disso [agora].

6. Desafios e mudanças

É difícil imaginar que uma tamanha mudança na vida de uma pessoa não tenha um impacto nos emigrantes enquanto indivíduos. Flávia considera que a sua transplantação para a Dinamarca teve um enorme impacto na sua vida em geral, assim como a nível pessoal.

A minha vida mudou totalmente. Eu ainda estou a aprender a língua, já consigo falar bem, mas não falo a 100%, então, isso é um desafio. Aqui toda a gente fala inglês, mas eu acho importante aprender a língua local e quero aprender. Você sempre vai ser visto como um e isso dá uma sensação meio ruim, eu acho. Eu não estou nem aí, mas é difícil. Eu não pareço nem um pouco dinamarquesa.

Com frequência, após emigrarem, as pessoas tendem a enfrentar barreiras iniciais à integração no novo país e sentem alguma desilusão em relação às suas expectativas nos primeiros tempos no país de destino. Por um lado, pode ser uma cultura diferente com hábitos diferentes e uma matriz social e simbólica de dominação diferente. Mesmo que os obstáculos sejam menores ou não ocorram de todo, são geralmente esperados e receados, adicionando ansiedade à mudança e aos primeiros tempos de habitação no país de destino (SILVA; GUERRA, 2017).

Eu acho que o principal desafio foi esta incerteza de não saber o que ia acontecer. Eu não queria parar de tocar, não queria ficar em casa, só sendo esposa e sem fazer nada, sem conhecer ninguém. Acho que o maior desafio foi abandonar a certeza, abandonar o que conhecia, pelo desconhecido. Eu acho que este é um desafio para a vida

e não é para todos. Viver fora do nosso país de origem não é para toda a gente. Eu sou uma pessoa meia cigana, eu gosto de viajar, eu gosto de conhecer outros lugares e sinto-me bem em qualquer lugar.

Um dos obstáculos que os emigrantes podem enfrentar é a discriminação. Apesar de não falar dinamarquês perfeito e não ter o aspecto de uma habitante da Dinamarca, Flávia afirma não ter sentido qualquer tipo de discriminação, e atribui isto ao fato de os brasileiros serem bem-vindos em todo o mundo: "Brazil is a beloved country; I feel that a lot, and this is very lucky." Mas tal não significa que os emigrantes em geral não sofram discriminação na Dinamarca; certamente que alguns a sentem. O pouco preconceito que Flávia pode ocasionalmente encontrar parece advir do fato de algumas pessoas pensarem que é síria ou árabe.

Às vezes eu vejo que a comunidade árabe acha que eu sou um deles e, com certeza, os dinamarqueses devem achar o mesmo, mas eu não uso burca nem nada, então eu não sou um problema. Hoje em dia os problemas estão muito direcionados para os muçulmanos e para os refugiados da Síria. A partir do momento em que eu não sou nem uma coisa nem outra, então está tranquilo. Infelizmente eu vejo que a crise de migração da Síria está a dificultar as coisas e as portas estão a fechar para qualquer tipo de migrante. Quando eu me mudei para cá, há dois anos atrás, eu poderia pedir o meu visto permanente ao fim de cinco anos, agora só posso dar entrada no visto ao fim de oito anos. O momento da minha vida em que eu virei migrante foi precisamente num momento de plena crise de migração na Europa.

Mesmo que não vivam com quantidades consideráveis de preconceito e tenham maior facilidade na integração por terem laços com pessoas nativas, como é o caso do marido de Flávia, outra dificuldade frequentemente enfrentada ao emigrar, e mesmo ao fim de anos de habitação no novo país, é o sentimento de ser alguém 'de fora'.



Às vezes eu sinto um bocadinho de preconceito devido a essas coisas de que te falei, mas como eu sou brasileira não sinto muito, mas sinto-me sempre uma estrangeira. As piadas e as brincadeiras de infância daqui eu não passei por elas. Às vezes eu canto músicas brasileiras para o meu filho e às vezes começo a chorar, sensível, porque me lembro de toda a minha bagagem cultural. Eu quero que o meu filho fale português para ele poder entender também a minha cultura e para ter acesso à minha cultura. Eu não me sinto estrangeira por haver preconceito, não é isso, mas sim porque há códigos que eu não vou entender nunca por mais que eu fale a língua, por mais que eu estude, por mais que eu escute a música. Na cultura do nosso país nós entendemos os códigos entre as linhas. Aqui é uma luta para entender os códigos da educação, para saber como se estende o braço, como é que se pode abraçar, etc. Eu acho que essas pequenas coisas não vão mudar daqui a vinte anos, eu ainda vou estar a descobrir códigos porque eu não cresci aqui. Essa é a sensação de me sentir sempre estrangeira.

Quando questionada pela entrevistadora, Flávia escolhe uma canção que foi importante para ela durante os dois anos fora do seu país natal, referindo-se à sua condição de emigrante.

Tem uma música bonita do Caetano Veloso de quando ele estava de exílio em Londres, que é a London London. Quando bate a nostalgia, é essa música que me vem à cabeça. (...) Tem uma letra muito bonita, em que ele fala que ele está a andar nas ruas de Londres e não conhece ninguém para dizer olá. Ele sabe que ele não é dali.

Não ser nem se parecer com o restante dos habitantes do país adotivo pode ocasionalmente jogar a favor dos recém-chegados. Ter um aspecto diferente e ter vindo de uma cultura distinta e de um lugar distante trouxe algumas vantagens a Flávia e à sua banda no que toca ao despertar de interesse em relação à promoção do seu trabalho.



Por exemplo, aqui na Dinamarca eu sou vista como uma coisa exótica, em que a banda é vista como metade do Brasil e metade da Dinamarca. Acaba por ser uma história interessante para produzirem uma matéria numa revista. Nós temos uma história, que é diferente, então claro que isso ajudou e desperta interesse. Eu acho que The Courettes surgiu muito rápido aqui na Dinamarca, porque nós estabelecemo-nos como uma banda ativa muito rápido e também não sei até que ponto é que isso não ajudou, por termos uma coisa aqui meio exótica.

No que toca ao ser respeitada como mulher no espaço da música rock, ainda populado maioritariamente por homens, Flávia relata duas situações que viveu no Brasil em que foi confundida com uma fã ou a namorada de um artista ao tentar entrar nos bastidores ou no palco para atuar; ainda assim, Flávia sente que, no geral, era respeitada pelo seu trabalho musical na cena punk brasileira. Até agora, não teve qualquer experiência semelhante na Dinamarca.

O grande capital subcultural da renegociação da sua identidade na Dinamarca foi imbricado num muito forte investimento na vida familiar, bem como na nova banda. Podemos observar, analisando as estratégias de promoção de *The Courettes*, o uso do estado civil, o facto de que Flávia é brasileira - e exótica aos olhos dos dinamarqueses - artista musical feminina - pois não há muitas na Dinamarca - com uma atitude forte, como características identificadoras e diferenciadoras. Relativamente à contribuição da banda que formou com o marido para a cena musical dinamarquesa, Flávia declara que:

Modéstia à parte, acho que nós contribuímos muito (risos). Primeiro, porque nós somos uma banda que tocamos fora da Dinamarca e não são muitas as bandas que fazem isso, que levam o nome do país por aí. (...) somos bem ativos na cena local e na cena europeia, tanto que até o Governo nos ajuda de vez em quando. (...) Nós também temos uma pessoa de fora na banda, do Brasil, e eu ainda sou mulher. Nós há muitas mulheres musicistas aqui.

O que eu sinto é que as pessoas ficam muito impressionadas. Existe um crítico musical daqui, que toda a gente respeita (...) e ele é um fã meu. Ele sempre me fala “Flávia, não tem nenhuma mulher na Dinamarca com uma atitude como a sua. Que bom que vocês decidiram vir morar aqui e não foram para o Brasil. Aqui deveria haver mais mulheres como você”. (...) existir outras mulheres, elas existem, mas ele diz que não existe mais nenhuma mulher com a minha atitude. Então, há esse choque, em que as pessoas ficam espantadas e dizem que “a menina botou para quebrar”. Eu acho que o papel das mulheres é “botar para quebrar”, chegar lá chegando, porque é assim meio na base do pontapé que a gente cria o nosso espaço.

Para mim, quando alguém se coloca no palco, seja homem ou mulher, eu quero verdade no que estão a fazer, principalmente no punk. Com o punk você tem de viver o punk, não dá para morar na casa dos pais e tomar leitinho e depois ir ali fazer um show punk.

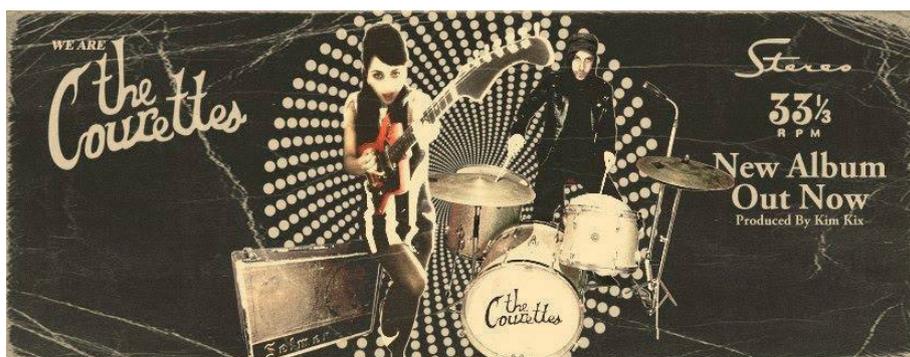


Figura 4 – Lançamento do álbum de *The Courettes*, 2018. Fonte: Flávia Couri.

Assim, a música pode ser vista como um recurso crucial na (re)construção local das identidades dos migrantes (FRADIQUE, 2003; HUDSON, 2006). Individualmente, a experiência de Flávia na Dinamarca trouxe-lhe uma família e um novo estilo de vida, e diferentes características

definidoras enquanto ser artístico e ser humano, contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal.

7. Nenhum desejo de voltar

A principal razão pela qual Flávia se mantém no estrangeiro é porque tem um parceiro e uma família no país adotivo (Ver GUERRA; QUINTELA, 2020). Para ela, a única razão que a motivaria a voltar seria o fim do casamento: “Essa é a única razão que me faria voltar para o Brasil porque eu não tenho a mínima vontade de voltar.” A falta de vontade de regressar prende-se principalmente à crise sociopolítica que o país neste momento atravessa.

(...) o Brasil neste momento é um país que tem um presidente corrupto, que tirou uma presidente que não era corrupta para colocar esse presidente corrupto por causa dos interesses das classes dominantes, da TV Globo e dos Estados Unidos. O Brasil teve ditadura até 1985 (...) Com esta situação o nosso voto foi jogado no lixo e um congresso tirou a presidente do poder de uma forma ilegal. (...) o Brasil teve o seu processo democrático interrompido e isso é muito grave. Então, eu leio as notícias sobre o Brasil e eu às vezes choro, é muito mau tudo o que está a acontecer. Esse presidente que a gente tem está jogar no lixo todas as reformas trabalhistas, todos os direitos que se conquistaram ao longo de anos (...) eles estão a acabar com tudo, com a educação pública, com a faculdade gratuita. Não poderia ser pior.

A classe média-alta brasileira acha que tem de haver mais polícia na rua, mas não tem, tem é de haver mais educação para todos e oportunidades iguais, como há aqui na Dinamarca. O Brasil é o quinto país mais desigual do mundo, mas é quarto com maior PIB. Enquanto não acabar essa desigualdade, não vai haver paz, vai sim haver violência, assaltos e tudo mais e o golpe de Estado ainda vai aumentar mais essas desigualdades.

Este grande problema social está relacionado com assuntos de família: entes queridos e o futuro do seu filho, por exemplo no que toca à segurança, foram apontadas como razões para ficar.

Agora, como mãe, eu valorizo estar num país seguro, ainda para mais na cidade onde eu vivo, que é uma cidade pequenina. Eu acho que quando ele tiver seis ou sete anos e for para a escola, ele pode ir sozinho, porque aqui não há criminalidade. Agora eu penso mais na segurança dele. Um país que tem as desigualdades sociais que o Brasil tem, nunca vai ter paz social.

Eu tenho um filho agora e eu não posso ir para um país numa situação destas, que está num caos político e social. De repente, daqui a dez anos talvez eu pense em voltar a morar no Brasil, mas por agora não.

Os dez anos a que se refere podem revelar-se uma década de mudança profunda no Brasil, imagina e, certamente, espera Flávia. Só após esse processo é que se permitiria considerar voltar a viver lá. Mas, por outro lado, daqui a dez anos a sua enteada estará na maioridade e o marido poderá estar disposto a considerar uma possível nova mudança. Tal situação sugere que Flávia pode estar receptiva à ideia de voltar se for acompanhada pelo marido e o filho, já que não nega a saudade da sua 'tribo': "Às vezes bate uma saudade da cultura brasileira e da minha identidade, de ouvir uma música, de falar português... enfim." Mas, como está satisfeita com a sua vida na Dinamarca, integrada num ambiente agora familiar, convivendo com dinamarqueses sem experienciar sentimentos de isolamento e a desfrutar da vida familiar, é provável que lá continue por muito tempo.

Os assuntos apresentados relacionam-se com a importância da música num contexto migratório, na medida em que nos convidam a repensar temas críticos como as relações entre espaço e cultura, o local e o global, as artes e o quotidiano e a ação humana (FAUDREE, 2015; KRÜGER, TRANDAFOIU, 2013).



A relação entre música e lugar não é direta. É mediada por processos sociais que estão inscritos e que tornam a música local susceptível à influência de fenômenos nacionais e globais (HUDSON, 2006). Comparar as cenas musicais independentes do Brasil e da Dinamarca não é justo, na opinião de Flávia, simplesmente pela diferença de tamanho entre os dois países.

Então, sim, tem bandas boas, mas o circuito não é tão grande, por isso é que a gente toca fora da Dinamarca. Se formos viver só de tocar aqui... quer dizer, o país é do tamanho do Estado de São Paulo.

Flávia acredita que a cena no Brasil está "mais organizada do que nunca", e identifica o maior desafio que as bandas enfrentam na cena musical dinamarquesa: não podem depender só do mercado nacional.

Para mim, o desafio aqui na Dinamarca é conseguir num país tão pequeno manter uma agenda ativa cheia de shows, da forma que a gente quer para viver disso. Se hoje em dia nós não fizéssemos shows fora Dinamarca, nós não iríamos conseguir viver da banda. Eu também nunca quis só o mercado Dinamarquês, eu quero o mercado Europeu, para mim esse é o meu desafio: estabelecer a banda cada vez mais no mercado Europeu.

8. Comentários finais

Analisamos o percurso de vida e a experiência migratória de Flávia Couri, demonstrando as possibilidades oferecidas pela música na construção e reconstrução da identidade, bem como providenciando uma razão para a emigração. Curiosamente, a força motriz por trás da emigração e a escolha da Dinamarca como país de destino não foram baseadas na cena musical, mas aconteceram no contexto da vida de Flávia enquanto artista, entre bandas, e num compromisso com outro artista. Resumidamente, a experiência migratória de Flávia foi extremamente positiva, tendo-lhe permitido cumprir os seus desejos em relação ao casamento, a ter uma família e uma banda de sucesso de cujos rendimentos consegue subsistir.



A modernidade reflexiva liberta parcialmente os indivíduos dos limites estruturais, nomeadamente o confinamento ao seu país de origem como única esfera de ação. Os limites estruturais persistem, mas há recursos e capitais que mitigam o seu efeito - incluindo viagens low cost e o uso da Internet para explorar, comunicar e promover.

É pertinente refletir acerca do conceito de diáspora, que é não só a manutenção dos laços com o país de origem mas, acima de tudo, a possibilidade de estabelecer fusões com a cultura do país adotivo, desenvolvendo assim novas culturas e identidades. A este respeito, Flávia Couri e *The Courettes* também apreciaram as suas identidades plurais, reconhecendo que a música rock contém em si uma componente cultural global. A forma como promovem a sua banda pode ser vista como uma resposta artística a uma experiência de diáspora e à possibilidade de envolver outras culturas.

Referências

- CASTELLS, M. *The rise of the network society*. Cambridge: Blackwell, 1996.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CRANE, D. Culture and globalization – theoretical models and emerging trends. In: CRANE, D.; KAWASAKI, K.; KAWASHIMA, K. (eds.). *Global culture: media, arts, policy, and globalization*, New York: Routledge, 2002. p. 1-25.
- DeNORA, T. *Music in everyday life*, Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- DINES, M.; GORDON, A.; GUERRA, P.; BESTLEY, R. (Eds.) *The Punk Reader. Research Transmissions from the Local and the Global*. Bristol: Intellect, 2019.
- FAUDREE, P. Singing for the dead, on and offline: Diversity, migration, and scale in Mexican Muertos music. *Language & Communication*, v.44, p. 31-43, 2015.
- FEATHERSTONE, M. *Undoing culture: globalization, postmodernism and identity*. London: Sage, 1995.
- FEIXA, C.; GUERRA, P. 'Golfos, punkis, alternativos, indignados: subterranean tradition of youth (Spain, 1960-2015)'. In Dines, M.; Gordon, A.; Guerra,



P. (Eds.). *The Punk Reader. Research transmissions from the local and the global*. Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Letras; Punk Scholars Network, 2017, p.137-172.

FRADIQUE, T. *Fixar o movimento: representações da música rap em Portugal*, Lisboa: Dom Quixote, 2003.

GUERRA, P. 'Another music in a different (and unstable) room: A route through underground music scenes in contemporary Portuguese society'. In: TREECE, D. (Ed.). *Music Scenes and Migrations. Space and Transnationalism in Brazil, Portugal and the Atlantic*. London: Anthem Press, 2020a, p. 185-194.

GUERRA, P. 'Under-Connected: Youth Subcultures, Resistance and Sociability in the Internet Age.' In: GILDART, K.; GOUGH-YATES, A.; LINCOLN, S.; OSGERBY, B.; ROBINSON, L.; STREET, J.; WEBB, P.; WORLEY, M. (Eds.). *Hebdige and Subculture in the Twenty-First Century. Through the Subcultural Lens*. Palgrave Studies in the History of Subcultures and Popular Music. London: Palgrave Macmillan, Cham, 2020b, p. 207-230.

GUERRA, P. Punk, ação e contradição em Portugal. Uma aproximação às culturas juvenis contemporâneas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v.102/103, 2013, p. 111-134.

GUERRA, P., HEBDIGE, D.; BENNETT, A., FEIXA, C.; QUINTELA, P. Collective Interview with Dick Hebdige After 35 Years of Subculture: The Meaning of Style. In: GILDART, K.; GOUGH-YATES, A.; LINCOLN, S.; OSGERBY, B.; ROBINSON, L.; STREET, J.; WEBB, P. WORLEY, M. (Eds.). *Hebdige and Subculture in the Twenty-First Century. Through the Subcultural Lens*. Palgrave Studies in the History of Subcultures and Popular Music. London: Palgrave Macmillan, Cham, 2020. p. 253-266.

GUERRA, P.; QUINTELA, P. (Eds.). *Punk, Fanzines and DIY Cultures in a Global World. Fast, Furious and Xerox*. Palgrave Studies in the History of Subcultures and Popular Music. London: Palgrave Macmillan, 2020.

GUERRA, P.; QUINTELA, P. From Coimbra to London: to live the punk dream and 'meet my tribe. In: Sardinha, J.; Campos, R. (Eds.). *Transglobal sounds: music, youth and migration*. New York/ London: Bloomsbury Publishing, 2016, p. 31-50.

GUERRA, P.; BENNETT, A. Never Mind the Pistols? The Legacy and Authenticity of the Sex Pistols in Portugal. *Popular Music and Society*, v. 38, n° 4, p. 500-521, 2015.

HALL, S.; JEFFERSON, T. *Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain*. London: Routledge, 1993.



HUDSON, R. Regions and place: music, identity and place. *Progress in Human Geography*, vol. 30, p. 626-634, 2006.

HUQ, R. *Beyond subculture: pop, youth, and identity in a postcolonial world*. London: Routledge, 2006.

KRÜGER, S.; TRANDAFOIU, R. (Eds.). *The Globalization of Musics in Transit: Music Migration and Tourism*. London: Routledge, 2013.

MCKAY, G. *DIY Culture: Party & Protest in Nineties Britain*. London: Verso, 1998.

MENDONÇA, L. M. The local and the global in popular music – the brazilian music industry, local culture and public policies. In: CRANE, D.; KAWASAKI, K.; KAWASHIMA (Eds.). *Global culture: media, arts, policy, and globalization*. New York: Routledge, 2002, p.105-117.

MUGGLETON, D.; WEINZIERL, R. (Eds.) *The post-subcultures reader*. Oxford: Berg., 2003.

Regev, M. *Pop-rock Music. Aesthetic Cosmopolitanism in Late Modernity*. Cambridge: Polity Press, 2013

SILVA, A. S.; GUERRA, P. The global and local in music scenes: the multiple anchoring of Portuguese punk. In: DINES, M., GORDON, A., GUERRA, P. (Eds.). *The Punk Reader. Research transmissions from the local and the global*. Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Letras; Punk Scholars Network, 2017, p. 69-96.

STAHL, G. Still “winning space?”: updating subcultural theory. *Invisible Culture: an electronic journal for visual studies*, 1999, p.1-17.